

# Projeto cooperar: o mundo do trabalho No mundo da escola

Profa. Me. Andrea Zortea<sup>1</sup>

## Resumo

O Projeto Co Operar é desenvolvido na EMEF Mário Quintana, Vila Castelo, bairro Restinga com estudantes do III Ciclo. O objetivo é, através do sensível e prático, instigar a pesquisa e construção do conhecimento. Através da produção de velas e do modelo de gestão cooperativo abre-se o debate sobre o trabalho e os modos de produção da sociedade industrial. Pedagogicamente a intenção é tramar processos pedagógicos e processos produtivos, orientando para uma reflexão ética, estética e prática a respeito do modo de produzir e dos valores que orientam diferentes lógicas produtivas. Todo o processo de produção é registrado para posterior elaboração de material áudio visual, momento em que os estudantes reconstroem seu próprio processo fazendo textos com as imagens capturadas. A renda gerada pelo trabalho é revertida para um fundo usado na cerimônia de formatura. Os conceitos desenvolvidos são: Capital, Trabalho, Meios de produção, Acumulação Primitiva de Capital, Ideologia, Redes de Produção e Consumo, Produção Limpa, Comércio Justo e Economia Solidária. Os conteúdos históricos podem se desdobrar em: Revolução Científica e Revolução Industrial, Teóricos do século XIX, tradição do pensamento crítico libertário, Revolução Francesa e Comuna de Paris, Direitos Humanos, Nacionalismo, Colonialismo e Imperialismo, Guerras do século XX.

**Palavras chaves:** Educação. Trabalho. Prática. Pesquisa.

## Abstract

Co Operate Project is developed at Mário Quintana EMEF, Vila Castelo, Restinga with students of the third cycle. The objective is, through sensitivity and practice, to instigate research and knowledge building. The debate on work and means of production of industrial society opens through the production of candle and the Co-operative Management Model. Pedagogically, the purpose is to engender pedagogical concepts and productions processes, providing ethical, aesthetical and practical reflections on the means of production and the values that guide different productive logics. The entire process of production is recorded for further elaboration of audiovisual material, moment which the students rebuilt their own process by writing texts based on the captured images. The income gained by the work is refunded on funds used for the graduation ceremony. The developed concepts are: Capital, Work, Means of Production, Primitive Accumulation of Capital, Ideology, Chain of Production, Cleaner Production, Fair Trade and Solidarity Economy. History contents that may be encompassed are Scientific Revolution and Industrial Revolution, 19th Century Theorists – critical and libertarian tradition, French Revolution and Commune of Paris, Human Rights, Nationalism, Colonialism and Imperialism, Wars of the 20th Century.

**Keywords:** Education. Work. Practice. Research.

## Introdução

Neste artigo apresento o relato resultante de um conjunto de atividades e reflexões que vem sendo realizadas há 12 anos, em uma escola pública municipal de ensino fundamental na periferia de Porto Alegre. Nesta escola trabalha-se com o ensino fundamental de nove anos desde sua fundação em 1999; especificamente, atuo com os três anos finais do ensino fundamental (sétimo, oitavo e nono ano). Partindo dos princípios pedagógicos da escola, o coletivo de professores do Terceiro Ciclo foi elaborando ao longo dos anos os conceitos norteadores para o

desenvolvimento das diversas disciplinas nos respectivos anos ciclos: Identidade no sétimo ano; Ambiente no oitavo ano e Trabalho no nono ano. Considerando este planejamento é que se têm desenvolvido reflexões e propostas de intervenção com nossos alunos e alunas do último ano do ensino fundamental, o nono ano.

O presente artigo está organizado em quatro momentos, a saber: a centralidade do trabalho na educação, o espaço escolar e seu contexto, com quem estamos lidando?, O projeto: escola e mundo do trabalho. Com relação ao primeiro, a centralidade do trabalho na educação, procura-se discutir o conceito de trabalho que orienta a prática pedagógica e que esta prática não pode estar descolada do universo em que estão inseridos os educadores e educandos com suas relações sociais e afetivas. No segundo momento é feito um breve quadro do contexto territorial, econômico, social e ambiental em que a escola nasceu. Em seguida apresento o universo das relações humanas implicados neste espaço e com quem estas relações acontecem. Procura-se também questionar as concepções que temos sobre a criança, o adolescente e o jovem da atualidade e sua capacidade de ser agressivo, apático, passivo e afetivo. Finalmente, apresento o projeto em seu detalhamento operacional e as observações de que tenho o privilégio de ter acesso quase exclusivo.

### A centralidade do trabalho na educação

O projeto Co Operar é uma intenção de tramar processos produtivos e processos pedagógicos para criar um substrato material com o propósito de levar educandos a refletir e compreender conceitos e conteúdos históricos e pensar seu tempo espaço de existência. O produto feito – velas de citronela - também é um desencadeador para o debate a respeito do atual modelo produtivo, instigando nos educandos uma reflexão e um posicionamento sobre o lugar que ocupam na sociedade e valores contidos em diferentes organizações produtivas. Através da vela, procura-se mostrar a complexidade que a vida social e econômica coloca para os indivíduos, sempre tendo presente que estamos em meio a um processo de formação de subjetividades e é imperativo que a escola denuncie e anuncie questões a respeito do mundo do trabalho, trazendo esta pauta de discussão para dentro de seu mundo, não ficando alheia aos processos constitutivos da vida onde o trabalho tem importância central.

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional contempla esta perspectiva, segundo Miguel Arroyo:

O Art. 1º é uma expressão de quanto alargamos, nas últimas décadas, a visão do educativo para além dos bancos da escola. Merece ser lembrado: 'A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições da sociedade civil e nas manifestações culturais'. No inciso 2º do Art. 1º ainda acrescenta: 'a educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e da prática social'. No Artigo 3º se insiste nesta vinculação quando define os princípios com base nos quais será ministrado o ensino: 'valorização da experiência extra-

escolar'; 'vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais'. A Lei anterior nº 5692/71 apenas se referia à educação a ser dada no lar e na escola. (ARROYO, 1998, p.151).

A questão que se coloca é para além do mundo do trabalho clássico - perspectiva que crianças e adolescentes conhecem através da experiência familiar. O que se trás para a luz do debate são críticas e alternativas para o mundo do trabalho; metodologicamente procura-se denunciar o sistema construído apontando uma perspectiva, um anúncio para um mundo a ser construído.

Neste sentido, Arroyo coloca:

O trabalho como princípio educativo situa-se em um campo de preocupações com os vínculos entre vida produtiva e cultura, com o humanismo, com a constituição histórica do ser humano, de sua formação intelectual e moral, sua autonomia e liberdade individual e coletiva, sua emancipação. Situa-se no campo de preocupações com a universalidade dos sujeitos humanos, com base material (a técnica, a produção, o trabalho), de toda atividade intelectual e moral, de todo processo humanizador. (...) [estas relações] nos remetem em cheio ao projeto de humanização, de educação básica universal da modernidade, do pensamento humanista e socialista. (ARROYO, 1988, p. 152 e 153).

Do ponto de vista avaliativo, para cada momento do processo deste projeto são colocados critérios que se deve atingir. Avalia-se o nível de participação e compromisso, ou seja, como o fazer individual de cada sujeito envolvido acaba repercutindo no grupo e qual a identidade que o grupo assume. Também interessa saber qual o impacto desse projeto para o crescimento das relações entre a turma e, finalmente, que compreensão eles fazem do que estão fazendo, qual a importância que dão ao que estão produzindo e como enxergam o produto dentro do contexto maior de produção da sociedade capitalista.

Não menos importante é avaliar como o processo aparece na produção escrita dos alunos e alunas no sentido que estão escrevendo sobre algo que lhes é próprio. Neste quesito avaliam-se dois tipos de escrita, uma onde se fala sobre o processo produtivo deles, a organização, a metodologia. Em outra é sobre o processo num contexto maior onde se fala sobre valores e lógicas produtivas numa perspectiva filosófica.

Importante salientar que o trabalho e organização dos alunos e alunas são mais importantes que o produto em si e que, considerando a comunidade onde a escola está inserida, o crescimento das relações interpessoais e a aceitação da responsabilidade que o processo traz é um foco avaliativo muito importante.

## O espaço escolar e seu contexto

Territorialmente nossa escola, localizada no bairro Restinga, situa-se a sobre as cotas mais baixas do morro São Pedro, importante área verde da cidade de Porto Alegre. Neste local encontramos os últimos resquícios meridionais de exemplares da

fauna (bugio ruivo) e flora (figueira) características da Mata Atlântica. Os eventos geomorfológicos sustentam uma curiosa história para nossa cidade, pois a morraria formava um antigo conjunto de ilhas quando da primeira grande transgressão marinha há 400 mil anos (MENEGAT, 1998). Os eventos naturais, muito peculiares e de valor por si, formam uma paisagem de grande beleza cênica preservada da especulação imobiliária graças ao cinturão que esta comunidade de periferia faz justamente na face com acessibilidade motora. Os níveis de preservação entre 90% do morro São Pedro devem ser creditados ao preconceito que se tem em relação à Restinga. A comunidade se tornou responsável, involuntariamente, pela preservação do morro.

O bairro assenta-se na face noroeste do Morro e constitui-se num conhecido fenômeno das cidades contemporâneas que é o de pertencer à categoria de periferia. O bairro insere-se na categoria periférico tanto territorial quanto econômica e culturalmente. Outro aspecto importante é que a Restinga não é homogênea, há várias fronteiras dentro do bairro, sendo que a Avenida João Antônio da Silveira é um dos divisores que coloca a noroeste uma camada aparentemente mais abastada dentro das classes populares, e a sudeste outra mais miserável. Os moradores da Restinga Nova moram em quadras planejadas, com ruas asfaltadas ou de pedras, em casas de material ou em grandes conjuntos de edifícios residenciais para classes populares. Já a Restinga Velha é o núcleo original da ocupação humana no bairro e cresceu com a ocupação territorial por uma população mais vulnerável e necessitada, que deu origem a diversas vilas, como é o caso da vila Castelo, onde se localiza a escola.

A escola nasceu de uma demanda, via Orçamento Participativo, da comunidade da vila Castelo, que chegou a meados dos anos 1980 naquele local e encontrou dificuldade para que seus filhos frequentassem as escolas municipais Pessoa de Brum e Dolores Alcaras, que eram as mais próximas. A organização da comunidade trouxe no ano de 1999 o núcleo inicial da escola numa sala alugada na paróquia da igreja. Em 2000, a escola começou a funcionar em sede própria com o seguinte endereço: rua C, sem número, Vila Castelo, Restinga. Logo, entre escola e comunidade, criou-se um vínculo forte de cumplicidade que não conseguiu ser mantido ao longo do tempo.

A comunidade onde a EMEF Mário Quintana está localizada é um dos elos perdidos <sup>2</sup> da Cidade de Deus dos gaúchos. A formação do bairro Restinga se origina no contexto da mentalidade dos regimes autoritários latino-americanos da década de 1960, qual seja, limpar, higienizar as zonas centrais mandando as comunidades pretas e pobres para assentamentos distantes territorialmente, configurando uma verdadeira segregação social, econômica, racial e territorial. Atualmente, há muitas restingas dentro da Restinga e o trabalho se realiza num destes elos perdidos, a vila Castelo, uma ocupação de moradores que se formou há duas décadas com as já clássicas configurações peculiares às de toda população periférica: falta de

saúde, educação, infraestrutura, assistência social, programas de geração de renda, trabalho, dignidade, etc. Nesse meio crianças vão nascendo, crescendo, morrendo, tendo mais crianças ou se matando.

Quando se trabalha nessas condições o que se tem para fazer é se desesperar ou tentar atender da melhor forma possível os diversos seres em formação intelectual e biológica que durante 200 dias estarão a sua frente. Logo, é imprescindível apontar para esses seres um sentido, abrir possibilidades, ampliar percepções e horizontes. A maioria dos estudantes, antes ou após concluir o ensino fundamental, entra no mercado de trabalho sempre da mesma forma, qual seja, faxina, serviços gerais, doméstico, servente e limpeza. Os demais acabam na economia informal, criminalidade ou prisão.

Os que conseguiram o “sonho dourado” da carteira de trabalho assinada, com todos os benefícios que ela traz, muito cedo se dão conta da exploração a que são submetidos e desistem com facilidade. O cansaço físico, a não assistência para os filhos e o pouco retorno financeiro se conjugam e transformam muitos homens e mulheres em verdadeiros heróis porque demonstram uma força física – e até espiritual – extraordinária.

Pensando em realidades como essa, ficar no nível da denúncia do funcionamento do mercado de trabalho clássico é muito cômodo. Primeiramente, é imperativo ampliar a noção de trabalho afastando-o “... na sua essência e generalidade ontocriativa [...], com certas formas históricas que o trabalho vai assumir – entre eles a servil, a escrava e a assalariada...” (FRIGOTTO, 2005, P.59). A ideia da centralidade do trabalho no processo de humanização tem que ser um debate presente e ampliado porque ele não se restringe a esfera do trabalho enquanto necessidade, mas existe também como condição para a possibilidade de criação e superação (reino da liberdade). Pela experiência de vida individual e familiar os educandos tem acesso a uma parte muito restrita do que vem a ser o trabalho, portanto a ampliação desse campo é parte do trabalho da escola e, especialmente, parte das disciplinas humanas.

A economia popular, comércio justo, consumo consciente, produção orgânica, auto-organização e autogestão entram como conceitos para ampliar a compreensão sobre o mundo do trabalho na sociedade capitalista. Também se constituem em saberes importantes para pensar o trabalho na sua perspectiva prática e como possibilidade de superação da realidade.

**Afinal, com quem estamos lidando?**

“Os alunos não são mais os mesmos” é uma das expressões comuns nas salas de professores em todas as escolas do Brasil. Ouvimos repetidamente comentários

como este a respeito. Sabe-se que os pequenos não aceitam imposições, sabe-se da necessidade de negociar, dialogar, fazer entender. Como se chegou a isso? Claro está que foi por força das atitudes desses protagonistas; se hoje partimos para uma base de conversação é porque eles e elas provocaram isto, foi exigida dos adultos uma nova maneira de se relacionar com os de mais tenra idade. Mérito das crianças, adolescentes e jovens a existência de mais diálogo hoje do que há três ou quatro décadas atrás.

O espanto com essa nova exigência vem porque se traz, muitas vezes, uma concepção de infância que não dialoga com a realidade que esses jovens trazem com suas atitudes. "Realmente nos deparamos com imagens de infância, antes símbolos de bondade, substituídas por imagens de decadência moral" (ARROYO, 2004, p. 12).

Cabe primeiramente ressaltar que tanto o conceito de infância quanto a categoria aluno são construções históricas que datam da modernidade, correspondendo a uma ideia e um propósito moderno de infância e aluno. Miguel Arroyo nos chama atenção para o fato de que cristalizamos esse imaginário moderno sobre os anos iniciais da vida humana, ao passo que a sociedade mudou radicalmente, desde as relações de produção até as relações entre tempo/espaço/velocidade. Significa dizer que impera um anacronismo entre a expectativa em relação ao comportamento da infância e juventude e as vivências concretas das crianças e jovens que estão aí. Muitas coisas mudaram, inclusive a relação entre a cultura familiar e a cultura da escola, esta perdeu em legitimidade, seu discurso já não é mais reconhecido como "científico", irrefutável. Considerando todas essas mudanças, percebemos que na escola as velhas relações de poder, ou seja, verticalidade entre professor e aluno, ainda imperam ao lado de conteúdos – principalmente em relação aos adolescentes – também defasados.

Diante de tamanho descompasso, isto é, diante de tanto anacronismo nossos jovens e crianças tem se feito escutar através de formas bastante dramáticas, em muitas situações. Todo o espanto, medo e preocupação que se escuta dos professores a respeito das atitudes de seus alunos tem um significado muito preciso que é: a escola tem que mudar também, junto com as relações de produção, junto com a relação tempo/espaço/velocidade, junto com as mudanças na sociedade. Neste ritmo de tempo/espaço/velocidade a única coisa que permanece perene é o fetiche da mercadoria. A relação tempo/ espaço/velocidade deve ser vista de uma perspectiva onde a velocidade não permite a construção ou reconstrução de valores perenes que permitam ao tempo e ao espaço não serem fugazes.

O capitalismo conseguiu capilarizar seus valores na sociedade a partir da sensação fugaz do tempo, pois atrelamos a realização de nossos desejos pelo consumismo. Vivemos e somos reconhecidos no presente pelo que possuímos ou não possuímos. Somos o que temos.

Questionar se o ideário criado pelo modo capitalista de produção social, concernente e justificado no individualismo, na competitividade e no egoísmo, pode ser uma alternativa para encontrarmos respostas. É importante perceber que, para condicionarmos nossa realização pessoal aos objetos que encontramos nas vitrines, foi e é necessário interiorizar tais valores como universais, naturais e inerentes à condição humana. Neste sentido, em termos gerais, qual seria o papel histórico da escola burguesa? Historicamente coube a escola na sociedade em que vivemos a tarefa de preparar para o futuro, via de regra, vista como preparação para o mercado de trabalho. Isso restringe a educação escolar aos valores individualistas, competitivos e meritocráticos, a um conjunto de ideais que contribuem para a manutenção do paradigma da sociedade capitalista (SOARES, 2010, p. 2).

As questões relacionadas ao consumo de determinados objetos tem sido motivo de preconceito e discriminação dentro do espaço escolar maior que questões étnicas ou de opção sexual, segundo minha percepção. Esta exclusão tenciona as relações entre os educandos, tornando o espaço de convívio também um espaço para a eclosão da violência. "As crianças e adolescentes em seus rostos violentos ou em gestos indisciplinados, mais do que revelar-se, revelam o lado destrutivo da civilização" (ARROYO, 2004, p.12).

As situações muitas vezes descritas sobre o cotidiano da escola pode estar pulsando um fermento de mudança, porque, definitivamente, todos sabem que do jeito que está não há mais possibilidade de continuar. E as escolas que estão, coletivamente, reformando coisas aparentemente pequenas, estão colhendo frutos que não são pequenos, como uma melhora qualitativa nas relações entre os vários sujeitos que habitam a escola. Cabe ressaltar que esta não é tarefa a ser realizada de forma isolada, ou a escola como um todo se propõe a lidar com as situações de forma coletiva ou não teremos resultados viáveis e visíveis.

O clima da escola tem que mudar, todos devem se comprometer, ainda que este comprometimento exija mais do que leitura e competência técnica por parte dos professores. Competência intelectual é importantíssima, mas não é tudo que os educandos querem dos seus mestres. Como em qualquer relação humana, o afeto, bem querer, respeito e interesse pelos que estão à sua frente são bases fundantes para relacionamentos saudáveis. Os educadores e educadoras necessitam perceber que a imagem da infância baseada em Comenius expirou. Esta transformação passa por mudanças de valores e esta parece outra questão extremamente complexa e delicada porque se transfere para o terreno da subjetividade; muitos profissionais da educação não aceitam se colocar numa relação de horizontalidade com os alunos e alunas. A postura do professor em sala de aula tem que ser revista com urgência. Mandar calar a boca, gritar, ofender, são atitudes inaceitáveis que não constroem nenhum tipo de relação saudável. O mandonismo não pode ser a expressão da cultura da escola, pelo contrário, a escola só tem sentido se for o sentido da construção de relações saudáveis baseadas no respeito, afeto e diálogo, que criam lastro para um trabalho



de qualidade, criando um clima de horizontalidade, no sentido de que tanto aluno e aluna quanto professores estejam numa mesma situação de se responsabilizarem pela construção de um ambiente seguro, no sentido do acolhimento e da possibilidade de se mostrar e se expressar. É difícil de quantificar e tornar visível essa horizontalidade para quem não está dentro da escola porque é algo que se percebe, se mede nas caminhadas pelos corredores, pátio e sala de aula, além de que a percepção sobre as atitudes das turmas muda dependendo do professor. Sabemos de relatos de escolas onde professores sentem-se acuados pelas atitudes dos alunos e alunas.

O pior sintoma de desagregação das relações dentro do espaço escolar é quando ouvimos professores dizerem que fingiram não ouvir o que os educandos lhes dizem, isto é, não enfrentam sua fala. Esta é a pior armadilha que um educador pode cair, toda a turma e toda a escola ficarão sabendo que aquele professor ou professora tem medo deles. Isto cria um clima de desagregação das relações na escola, que é a antessala para a explosão da violência, e não se fala só da violência física, entenda-se violência o próprio descompromisso com a escola, o espaço escolar, a sala de aula em termos de relações que ali se dão. Toda fala dos educandos exige dos educadores uma posição; a negativa, que é o não posicionamento, implica em interpretações que não se pode ter controle algum porque não há como retomar. Falar é esclarecer, explicitar, situar os educandos frente a diversas situações que o relacionamento entre pessoas coloca a todos.

Estes são bons medidores do nível de relações que existe no espaço escolar e um bom parâmetro para pensar a prática, o fazer diário, enfim as relações dentro do ambiente escolar. Nossos educandos, definitivamente, não se sentem mais devedores de respeito e consideração em relação aos professores só porque são professores. Cada vez mais o respeito se estabelece a partir de uma construção, onde a atitude docente é avaliada cotidianamente pelos educandos e onde a incoerência dos mais velhos é denunciada com força.

### O projeto: escola e mundo do trabalho

Foi este o pensamento central para o desenvolvimento do projeto Co Operar: introduzir o debate e conhecimento sobre a centralidade do trabalho na vida individual e coletiva dos seres humanos. Através de leitura, pesquisa, aula expositiva, produção textual, cinema e atividades práticas, a intenção foi de construir e debater com os educandos a inexistência da possibilidade de produção da vida humana sem o trabalho e sem a educação para a tomada de consciência.

Toda sociedade vive porque consome; e para consumir depende da produção. Isto é, do trabalho. Toda sociedade vive porque cada geração nela cuida da formação da geração seguinte e lhe transmite algo da sua experiência, educa-a. Não há sociedade sem trabalho e sem educação. (KONDER apud FRIGOTO, 2005, p. 57)



A todo instante, na escola, os professores fazem uma disputa entre o prazer individual (o que os alunos gostariam de estar fazendo naquele instante) e as questões impostas socialmente (ter que frequentar a escola, ter que aprender). Sinto os alunos do nono ano, invariavelmente, desmotivados em aprender história, em entender conceitos históricos, em ter na memória conhecimento sobre acontecimentos ou fatos históricos e, principalmente, em usar esse saber sistematizado pela humanidade por gerações para sua vida, para pensar seu lugar e sua tarefa neste mundo. Esta desmotivação é também relatada por outros professores em encontros de formação e troca de experiência na rede municipal de ensino.

Como já foi observado anteriormente, após concluir o ensino fundamental, os educandos se inserem de forma subalterna no mundo do trabalho; encontro eles e elas nos setores de limpeza dos shoppings, no comércio de rua, suprimindo prateleiras de supermercados, atendendo em quiosques, guardando carros, na construção civil, sempre de forma irregular, entre outras ocupações desta natureza. Também os vejo, majoritariamente os meninos, no tráfico e no roubo.

Para além dessas questões, em sala de aula, no desenvolvimento das atividades, há enormes dificuldades na leitura e compreensão do que estão lendo e no momento do registro escrito. A tendência preponderante é não produzir, não escrever, apenas copiar de algum lugar, este é um problema relatado por professores de todas as áreas na escola Mário Quintana.

Os desafios colocados para os educadores dizem respeito ao interesse e apropriação de assuntos para uma produção textual de qualidade, bem como a leitura competente e crítica do texto e do mundo. Concomitante, temos por parte dos educandos, uma visão estreita do mundo do trabalho; num levantamento para exploração oral inicial não se consegue arrancar dos alunos nada além da ocupação de seus pais e mães. As questões a respeito da leitura e escrita é um direito a ser garantido a todos que frequentam a escola. Pensando nestas questões, que vem de longa data, o coletivo de professores do III Ciclo da escola Mário Quintana já havia elegido o conceito Trabalho para ser o eixo orientador e articulador das disciplinas do último ano do ensino fundamental.

Importante ressaltar as demandas rotineiras de uma turma de formandos. Para muitos, a solenidade de colação de grau será um dos poucos momentos solenes de sua vida; para muitas famílias é também a única vez que participam deste universo de festejar, celebrar o que muitos pais e mães nunca conseguiram, ou seja, é um rito importante na vida da família, como se pode observar nas inúmeras formaturas que já foram realizadas na escola. Logo, esta solenidade tem que ser bonita, decorada, tem que ser um momento especial, diferente, digno. Mas o dilema continua: como juntar dinheiro para a solenidade? E o passeio de fim de

ano? E o coquetel para os formandos? Rifas, vaquinhas, venda de comidas? Sim, é um caminho, porém sempre questioneei porque o universo de venda é sempre a escola e os professores que, ao final de um curto período, não suportam mais comprar rifas ou comidas feitas de forma precária em termos de higiene, já que muitos educandos não tem nem banheiro em suas moradias.

Em função do exposto, em 2011 e neste ano de 2012 também, as turmas de formandos foram desafiadas para que organizassem uma cooperativa para produzir algo que pudéssemos vender sem a sensação de estar incomodando os outros. Inauguramos este momento de forma solene; se a ideia era uma cooperativa partimos para a pesquisa sobre a origem e histórico da cooperativa, diferenciando-a da empresa privada, logo quando estivéssemos tratando de assuntos referentes a cooperativa, teríamos que nos sentar em círculo, materializando o princípio da igualdade entre os membros da associação. A pesquisa sobre a história do movimento cooperativado nos levou ao conteúdo sobre a Revolução Industrial. A crítica ao modelo industrial nos levou aos conceitos marxistas sobre capital, trabalho, força de trabalho, meios de produção e mais valia. Com as turmas deste ano estamos neste momento de construção dos conteúdos curriculares.

O debate sobre o que deveríamos produzir foi muito profícuo, em especial no ano passado, porque não tínhamos capital para produzir nada, só tínhamos nossa força de trabalho e nossa vontade de trabalhar. A questão de produzir algo que não servisse de enfeite, que tivesse um fim prático, foi um mote colocado no debate. Após discutirmos exaustivamente, chegamos ao produto vela, porém tinha que ter um diferencial e apostamos nas velas de citronela em função de sua utilidade prática, que é espantar mosquitos, e pelo fato de termos no Distrito Industrial da Restinga, que fica a um quilômetro da escola, uma empresa que produz óleos essenciais orgânicos com certificação – entre eles o de citronela. Minha palavra sempre influenciou a escolha deles, mas sempre foi uma fala de convencimento muito argumentada, sabe-se que quando os educandos não se sentem realmente partícipes de todo o processo, o compromisso deles com o projeto estaria prejudicado.

Uma manhã estava expondo para a turma a ideia de compormos um fundo de investimento para levantarmos capital e fomos informados que a escola ganhou uma doação de materiais para confeccionar velas. Tínhamos o básico e inicial para nossa cooperativa e ao final de 2011 arrecadamos mais de R\$400,00 reais com a produção e venda de velas. A cooperativa de 2011 decidiu que deixaria em caixa para a cooperativa de 2012 a quantia de R\$80,00 como capital inicial para as atividades, além de materiais básicos como parafina e pavio.

Com a venda das primeiras velas, compramos o óleo essencial orgânico e estipulei como objetivo limpar nosso produto, isto é, diminuir ou retirar os elementos químicos da vela. Com o óleo essencial retiramos a essência química, mas permanecia o corante químico. Como não tínhamos fornecedor de corante orgânico, foi proposto que retirássemos o corante e produzíssemos velas sem cor. Este foi um momento difícil, muitos achavam que a vela não ficaria esteticamente vendável sem o corante. Este foi o momento em que se introduziu o debate sobre a dimensão ética que as velas poderiam conter. Parto da ideia que a beleza ética da nossa produção de velas – neste momento – não se deve ter como pressuposto a aparência visual, comumente confundida como estética. A ética antes de tudo é um conjunto de valores que garante – ou deveria garantir – relações sociais humanizadoras, logo sua beleza deve manifestar-se e se manifesta no respeito à saúde humana e ambiental, portanto a estética está implícita e é inerente a sua intencionalidade político-pedagógica, sendo as velas a própria materialidade da possibilidade de outras relações sociais de produção.

Durante um tempo produzimos velas com corante e essência química e outras sem corante e com essência orgânica, já que não os convenci do valor estético agregado ao valor ético. Propus que, durante a venda, eles argumentassem com os compradores e, após enquete e resultados de vendas, chegamos ao consenso que deveríamos limpar nosso produto, ou seja, retirar os elementos químicos da produção que inclusive deixam o preço da vela com componentes químicos maior. Os compradores, após a explanação dos alunos, preferiam a vela sem corante e com essência orgânica, confirmando a tese proposta que o mercado dos orgânicos tem a simpatia dos compradores. O golpe fatal no corante químico veio quando foi solicitada uma encomenda de cinquenta velas com essência orgânica, a partir disso passamos a excluir as essências e corantes químicos e os alunos se convenceram da preferência pelas velas com essência orgânica.

A partir de 2012, com três novas turmas, usei o mesmo método inicial com a diferença que muitos alunos do oitavo ano viam a movimentação dos formandos com as velas e já me cobravam o fato de quererem também participar do projeto; logo o convencimento inicial já estava pronto, todos queriam fazer as velas.

Entretanto, os ganhos com o projeto vão além dos conteúdos curriculares; a trama entre processos produtivos e pedagógicos mostra que há outros elementos importantes nesta caminhada e que nem sempre podem ser quantificados, atestados ou comprovados num texto escrito. Refiro-me aqui as questões relacionais entre os membros da turma, entre professora e alunos e nos aspectos sobre a autoestima, tanto individual quanto da turma como um todo. Temos um encontro semanal e atualmente os alunos chegaram num nível de organização que, para além de impressionar, emociona. O grau de compromisso com a aula e o processo,

construiu educandos que sabem se movimentar na escola, ficar em salas sozinhos, responsabilizar-se com a organização e solidarizar-se na hora da limpeza. Nos dois anos de desenvolvimento do projeto nunca tive que levar ou arrumar coisa alguma. Quando algo ficava fora e lhes era chamada a atenção, alguém sempre fazia algo para que a avaliação daquele momento fosse satisfatória.

As três turmas de formandos formam uma única cooperativa, no sentido que a produção é feita por todos, vendida por todos e todos decidem, por votação, a forma de investimento do capital. Também já foi acordado e registrado no início do ano que a cooperativa de 2012 vai deixar capital em caixa e material para a cooperativa de 2013.

Este ano houve crescimento na organização do trabalho com a criação de pequenos grupos responsáveis por diferentes funções. No processo produtivo em si, que significa lidar com os materiais todos (fogão, parafina, formas, pavio, essência), não é necessário além de três pessoas. Os demais têm tarefas para fazer, relacionadas à pesquisa de conteúdos históricos, confecção de embalagens, organização da produção pronta e registro das atividades. Os conteúdos aqui são entendidos como meios, suporte, informação, lastro ou até capital cultural para debater questões maiores, questões filosóficas que dizem respeito ao debate entre o indivíduo e o coletivo, que traga as questões relativas ao consumismo, ao fascínio que os símbolos exercem sobre eles. Neste momento, o universo de debate é muito rico e as contradições são exploradas, e os educandos são chamados a se posicionar. Outro ganho importante do projeto neste ano é que as professoras de filosofia e português aceitaram o desafio de envolverem suas disciplinas e avaliações. As produções textuais dos educandos são corrigidas pelas professoras das três áreas (história, filosofia e português), são devolvidas com indicações para que os educandos façam correções e desenvolvam aspectos formais e conceituais. Assim se oportuniza uma reflexão e um distanciamento para a construção de um texto com mais qualidade; em vez de produzir redações com assuntos diferentes, estamos solicitando aos educandos que desenvolvam, melhorem e aprofundem a partir de um assunto que é o que eles estão fazendo e qual a relação com os conceitos que as áreas da filosofia e história estão trabalhando.

## Conclusão

Este projeto nasce de uma iniciativa individual, embora esteja dentro da perspectiva da proposta político pedagógica da escola. Isto demonstra a existência de um hiato, onde a instituição enquanto escola continua a colocar-se como uma esfera pública acima e fora da sociedade, em outras palavras, continua a confundir a democracia com espaços de escuta cujo objetivo consciente ou inconscientemente significa legitimar por meio da comunidade escolar o que na verdade já foi decidido. Muito do afastamento entre escola e comunidade vem desta postura.

Experiências singelas como essa podem oferecer ao corpo docente a possibilidade de perceber a importância de nosso fazer pedagógico para a sociedade e estabelecer, a partir de situações concretas, a possibilidade de exigir condições objetivas de trabalho, na medida que expressarão expectativas extra muros da escola, dando ao conhecimento sentido real, em que as alternativas para cada um não estão separadas do nós, e mostrando que vivemos num paradigma societário que desumaniza as relações sociais.

Neste sentido, a interdisciplinaridade deve ser vista como concepção de mundo capaz de contribuir para o preenchimento deste falso vazio existente entre o conhecimento científico e o saber popular, pois a educação que precisamos para superarmos as relações sociais capitalistas não podem e não devem prescindir da escola na busca de uma formação

integral no sentido de completude, de compreensão das partes no seu todo ou da unidade no diverso, de tratar a educação como uma totalidade social, isto é, nas suas múltiplas mediações históricas que concretizam os processos educativos. (CIAVATTA, 2005, p. 84).

Penso que cabe a nós, educadores e educadoras de outra compreensão política, construir neste espaço escolar contraditório um espaço de problematização para as perguntas. Colocar o trabalho como ponto de articulação entre a educação e a cultura deve nos desafiar a entender a educação como princípio unitário entre o mundo do trabalho e o mundo da cultura, em nível de toda a vida social (GRAMSCI, 1988, p. 125).

Por fim, temos que ter claro que a escola pública ao longo da história brasileira foi confundida com a perspectiva estatal, herança pombalina responsável por uma cultura política conhecida como clientelista e paternalista, onde o público e o privado se misturam. Os projetos coletivos dão maior garantia de que o trabalho a ser desenvolvido nas escolas seja mais uma opção política dos educadores do que escolhas individuais.

## Referências Bibliográficas

- ARROYO, M. Imagens Quebradas trajetórias e tempos de alunos e mestres. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. Trabalho – Educação e teoria pedagógica. In: FRYGOTTO, G. (org) Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
- CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. (orgs) Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.
- FRIGOTTO, G. Concepções e mudanças no mundo do trabalho. In: FRIGOTTO, G. CIAVATTA, M. RAMOS, M. (orgs) Ensino médio integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.
- GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- MENEGAT, R. Atlas ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

SOARES, P. Hegemonia política, guerra de posição: Movimentos Populares e Gestão Democrática na Rede de Educação de Ensino Público. In: SEMERARO, G. (org.). Anais do Seminário Internacional "Gramsci e os movimentos populares", Niterói, 2010.

## Notas

1 SMED/POA

2 Denominação comum entre a comunidade para se qualificarem e diferenciarem. Interessante que tenho relato de professores da zona norte referindo-se aos vários elos perdidos.